

# Quem sabe a história da Mulher de Roxo?

A primeira coisa que se imagina é que o pessoal da Rua Chile sabe a história da Mulher de Roxo na ponta da língua. Puro engano: muita gente tem até medo de falar, talvez pensando em não cair no ridículo. E até tratam com grosseria a quem pergunta sobre o assunto. Como por exemplo na loja Etan, uma boutique meio fora de moda, em que a gerente Sued só falta botar o repórter para fora, aos gritos de "não sei de nada. Não sei de nada".

— Olha aqui, eu estou cuidando de minha loja, a mulher está lá do outro lado, não tenho nada com isso. O que eu sei é que não tenho de falar nada. Ela não me atrapalha, tá lá do outro lado. Vá ver na Slopier, lá ela deve atrapalhar, como atrapalhou no tempo das Duas Américas. Aqui eu não vou falar nada.

**EVOLUÇÕES** — Na Slopier o nível é melhor. As demonstradoras de cosméticos, Conceição e Suely, se divertem o dia todo, com um olho nas clientes outro nas evoluções da mulher bem na entrada da loja: "A gente chama ela de Sanda. É tão boazinha" conta Conceição. Mas da história verdadeira não sabe nada, apenas admite ser verdadeira a hipótese de se tratar de uma professora, como ela conta. "Apesar dela chamar todo mundo de minha professora, ou de minha princesa" diz Suely.

O que Suely acha curioso é a maneira segura como ela lida com dinheiro. "Ontem por exemplo ela me procurou e pediu para eu trocar Cr\$ 100. Dela o trocado ela contou direitinho, agradeceu e foi embora. Outro dia as meninas brincaram com ela e disseram que queriam dinheiro emprestado. Ela ficou séria, disse que era feio pedir dinheiro a estranho e que não podia emprestar".

Outra coisa que chama a atenção do pessoal da Slopier são os hábitos de "Sanda" como elas chamam. Ou seja, antes da loja abrir, quase sempre entre as 8hs ou 6 e 30, ela já está na calçada. Anda de um lado para outro sem se afastar muito, pede dinheiro às clientes que entram na loja, e perto do meio dia vai embora.

— Quando volta, conta que almoçou legumes e verduras, ou então fez um lanche com muitas frutas — comenta Suely. Ai ela anda um pouco, volta, pára na porta da loja, e depois no fim da tarde vai embora. Todos os dias dorme no Albergue Noturno. Segundo o pessoal ela nunca entra na loja, ou perturba a clientela. Exceto uma vez em que sem nenhum motivo atacou a uma cliente com uma bolsa de pano que carrega sempre.

**IRRITA-SE** — Fora disso repele sempre qualquer conversa investigativa sobre sua vida e se irrita quando ver alguém tirando fotografias suas. Criou problema por exemplo para o fotógrafo do CB pedindo ajuda às vendedoras da loja pois não queria que tirasse seu retrato.

Se na Slopier, onde a mulher de roxo passa a maior parte de seu tempo, já é difícil descobrir alguma coisa sobre a sua história, nas outras lojas é pior. Na Clark, loja de calçado, um vendedor alega ser novo no local e aponta Oliveira, com nove anos de casa, como bom informante. Mas ele sabe pouco, apenas fica curioso com a quantidade de dinheiro que a mulher ganha por dia: "Noventa por cento das pessoas que ela pede, dão dinheiro, não sei o que ela faz com tanta grana".

Provavelmente compra roupa, opina a maioria. E com razão, porque o que mais chama a atenção em sua figura são os trajes extravagantes. Um dos porteiros do Hotel Palace conta que há mais de 15 anos a vê passar com suas mantas pesadas do traje roxo que lhe deu o nome. Todo feito em veludo.

Depois do roxo ela usou um todo branco. Roupa de noiva com grinalda, bouquet de flores e tudo. Safa cantando e ensaiando em ligeiros passos ondulados, enquanto pedia dinheiro aos que passavam. Deixou o vestido de noiva e passou usar novamente o pesado veludo, dessa vez vermelho escuro com frisos tipo os trajes eclesiásticos. Nova substituição, dessa vez um traje preto, no mesmo estilo.

**GINASTA** — O único traje que destuou foi um uniforme de ginástica, formado por calças comprida e blusão azul de frisos branco que ela complementava com um par de tênis. Por ser uma figura muito gorda, a roupa ficou meio grotesca e talvez por isso ela voltou a usar o veludo pesado, se bem que alguns dias ela use as mantas por sobre a roupa de ginástica, sem se importar com o calor.

Por causa dessa variação de traje, e todo o exotismo de sua figura, é que o pintor Edvon, se interessou em fazer um quadro usando-a como tema. "Perguntei se ela aceitava, e ela toda feliz disse que sim, mas antes precisava se arrumar um pouco. Ajeitou a roupa, os cabelos, assumiu uma expressão bem estudada e pousou para mim".



Ele gostou tanto do resultado que continuou fazendo vários quadros. "Eu acho uma figura fascinante, é uma coisa que não precisa explicar muito, basta a gente se ligar nesse fascínio que ela representa" diz. Teve de dar o primeiro quadro para um amigo, o seguinte também, e o terceiro vendeu para um turista estrangeiro. Fez outro, maior, para guardar em seu atelier, mas por um acidente a tela rasgou no meio e ele destruiu-a. "Eu não ia guardar um trabalho tão importante para mim, danificado. Já estou fazendo outro esboço para pintar novamente a minha amiga". O detalhe curioso é que, sempre ela diz para Edvon que é a "Viúva Florinda".

**NO JAPÃO** — Além dos quadros de Edvon (um deles, o que foi vendido ao turista deve estar em alguma cidade do Japão), a viúva Florinda foi tema de posters há cinco anos atrás, recebeu indicação para Rainha das Artistas no Carnaval de 1978 (idéia criticada por muitos) e virou assunto nacional ao servir de tema para uma reportagem colorida da revista carioca Manchete.



**H**á três anos, quando começou a frequentar o Albergue Noturno de Salvador, a Mulher de Roxo carregava alguns documentos, o que permitiu fazer uma ficha sua. Mas no ano seguinte, durante um temporal, o arquivo do Albergue foi invadido pelas águas e vários papéis foram destruídos. Entre eles a ficha da nova hóspede.

Aliás a única hóspede regular hoje no Albergue. Ela não falta um dia. Antigamente todas as 18 horas, estava na porta. Cinco da manhã queria sair. Agora ela chega mais cedo, por tem uma cama reservada, e seis da manhã já está na rua. "Já hóspede definitiva do albergue", conta o diretor, o médico Paulo Wolfvitch.

É no albergue que ela lava e costura todas as suas roupas extravagantes, depois de percorrer as lojas comerciais e depois nos cortes de veludo e tecidos escuros.

**FORMATURA** — Começa sempre insistindo na sua condição de princesa de 15 anos, um tanto exaltada ao mostrar desconfiança pelo entrevistador. Vencida, através da cumprimento de uma risada meio trágica e sem muito motivo acompanhando a dela, ela se desarma. E fala da formatura em "Professora de Ciências e Letras" em casa, com professores particulares, pois não pôde estudar na escola normal.

Conta que é filha de Lúcia Silvano Caetano e João Beato Caetano, um funcionário da fábrica Fratelli Vito. A infância, teria sido em Periperi, onde a chamavam de Dodó, por causa do nome Florinda. "Dodó era muito presa, não saía, não ia a bailes, ficava em casa". E em casa, sob a orientação do professor Mascarenhas" se formou em professora. De passelo só até a residência de uma família de nome não muito bem explicado, que morava no endereço, Roma 220.

**FORÇADA** — Não gosta de falar em casamento, a não ser no puxão de cabelo que teria tomado do noivo no dia em que se casou. Uma mulher meio lúca, que dorme no Albergue acrescenta outro dado sobre o casamento da mulher de roxo: ela teria lhe contado que o marido forçou-a a um tipo de relações sexuais que não queria, ficando transformada.

Depois disso, passa a ligar alguns fatos sempre que alguma coisa do passado lhe é lembrado, como na referência ao Cabaret Tabaris, que ela logo fala de uma tarde em que foi dançar, ficando lá a tarde inteira. Mas quando se fala nas muitas histórias que contam a seu respeito, como da filha belíssima que teria casado com um milionário hospedado no Palace Hotel e viajado sem dar notícia, ela desconversa. Diz que não teve filhas.

Não faz referência também a casas de diversões noturnas, uma das versões de sua estória contadas na Rua Chile: teria sido dona de uma casa de mulheres, lidando com gente do mais alto nível, até que ficou louca. Ela não dá a mínima importância quando fala no assunto.

**CASAMENTO** — Fora disso só conversa sobre os seus hábitos. Como o cuidado que tem com alimentação: "só me alimento com frutas, verduras e legumes" mas depois confessa refeições aliás que ela religiosamente leva para o Albergue ao se recolher. Compra tudo na churrascaria ali perto do fórum onde me casei (se referindo às churrascarias da Ladeira da Praça, próximas ao antigo fórum de Salvador, na rua da Misericórdia).

Para o diretor do Albergue, Paulo Wolfvitch a mulher de Roxo se trata de uma doente mental inofensiva. Ele inclusive já internou-a duas vezes no hospital Juliano Moreira, e sempre que a liberavam ela voltava para rua Chile, e sem também levá-la para São Sebastião do Passé, ao ouvir ela falar naquela cidade. Deixou-a por lá, esperando que encontrasse parentes e conhecidos. Dois dias depois ela tomou um ônibus e voltou para Salvador.

Para o Secretário de Saúde, Edson Barbosa, a identificação da Mulher de Roxo é uma meta importante, pois ele pretende deixar um fichário completo sobre ela na secretaria, para evitar que seja tratada apenas como uma figura folclórica, como a transformaram por causa do seu exotismo.